

**'EXPLORANDO OS CONFLITOS DAS RELAÇÕES DE CLASSE E GÊNERO NA  
INGLATERRA DO SÉCULO XIX' JANE AUSTEN: UMA ESCRITORA  
ATEMPORAL**

*Autora: Mariana Luana Martins*

*Orientadora: Profª MSc. Amanda Dutra Hot*

*Curso: História    Período: 8º    Área de Pesquisa: História Cultural*

**Resumo:** O presente trabalho visa compreender como era a sociedade inglesa do século XIX, sob a ótica da Literatura, apresentada por aquela que é considerada por muitos como uma das maiores escritoras da língua inglesa: Jane Austen, assim como fazer uma análise de dois de seus romances mais conhecidos, que são: Orgulho e Preconceito (1813) e Emma (1816). Através da leitura dessas obras é possível perceber descrições do cotidiano da aristocracia rural inglesa do século XIX. Além de descrever a realidade de sua época, Jane Austen tecia críticas inteligentes e sutis a essa parcela da sociedade da qual ela mesma fazia parte. Buscando revelar as críticas sociais presentes nos dois romances estudados, foi realizada uma pesquisa descritiva, em que se traçou o contexto histórico da Inglaterra desse período, evidenciando o papel da mulher na sociedade, bem como a importância dos códigos de conduta e das classes sociais para o “bom funcionamento” da época. Com isso, se observa que, mesmo tendo-se passado dois séculos desde que Austen escreveu seus romances, certos aspectos abordados por ela permanecem atemporais, pois, se retirarem a roupagem dos personagens austenianos, eles seriam facilmente reconhecíveis na sociedade atual, seja por sua conduta correta, seja por seus defeitos.

**Palavras-chave:** Jane Austen. Inglaterra. Ironia. Natureza humana. Críticas sociais.

## 1. INTRODUÇÃO

A Literatura, além de propiciar prazer e aperfeiçoar o vocabulário do leitor, também rende vislumbres de épocas e sociedades passadas. Pensando nisso, ao analisar as obras de Jane Austen, pode-se observar representações do período que a autora viveu, ou seja, a Inglaterra do século XIX.

Jane Austen (1775-1817) foi uma escritora de romances que nasceu e viveu na zona rural da Inglaterra da Era Georgiana, e que pertencia a baixa nobreza. Ela é considerada uma das maiores escritoras da língua inglesa. Pelo mundo, milhares de pessoas leem e apreciam suas obras, e seus romances já foram temas de diversos filmes e adaptações. Entre as autoras do século XIX, Austen é considerada uma porta voz do universo feminino de sua época. Apesar de ter escrito relativamente pouco - são seis seus romances completos -, sua habilidade de escrever personagens femininas complexas e de explorar os conflitos das relações de classe e gênero fizeram dela uma escritora à frente de seu tempo, e que conseguiu criar um monumento literário que ecoa até o presente.

Cada vez mais críticos de literatura têm observado que, além de escrever histórias de amor, Jane Austen colocava em seus livros descrições sobre os costumes de sua época, e que, utilizando-se de ironia, tecia críticas inteligentes a sua sociedade. Pensando nesse contexto, o presente trabalho visa responder: Quais são as críticas sociais presentes nos romances austenianos?

Para responder essa questão o presente trabalho adentrará em duas das seis obras austenianas, que são: *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Emma* (1816), e percorrendo as entrelinhas de cada um, buscará apresentar as críticas que Jane Austen faz a sociedade de sua época. Em seus livros são apresentados diversos temas, tais como: posição da mulher na sociedade, casamento, amor, amizade, herança, natureza humana, dentre outros. Logo, como objetivo principal deste trabalho, busca-se analisar quais críticas sociais Austen tinha a fazer sobre esses temas. Como objetivos específicos, têm-se: compreender quem foi Jane Austen (a mulher e a escritora), apresentar as duas obras mais famosas da romancista, e evidenciar a importância de seus romances para uma melhor compreensão da época que a autora viveu.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. Referencial Teórico

#### 2.1.1. Jane Austen: a mulher, a escritora e o espírito de sua época

[...] Creio que posso vangloriar-me em ser, com toda a vaidade possível, a mulher mais inculta e desinformada quem jamais ousou ser autora (AUSTEN, Jane. [Carta] 11 de dezembro de 1815, Chawton [para] CLARKE, J.S, Bibliotecário apud AUSTEN-LEIGH, J. E, 2014, p.127).

Jane Austen nasceu no dia 17 de dezembro de 1775, em Steventon, no condado de Hampshire, zona rural da Inglaterra, sendo ela a segunda mulher numa família de sete irmãos. A Inglaterra contemporânea a Austen teve como uma de suas características o fato de haver uma variedade de classes sociais, e sua família,

como afirma Reef (2014), pertencia à classe chamada aristocracia ou *gentry*<sup>1</sup>, logo, a baixa nobreza. Ao abordar essa questão da divisão das classes sociais<sup>2</sup>, Zardini (2011) mostra que a família da escritora era um exemplo da variedade existente no período, uma vez que seu pai era Reverendo da Igreja Anglicana, dois de seus irmãos seguiram carreira religiosa, dois outros irmãos trabalharam para a Marinha e um foi proprietário de terras. Quanto às mulheres Austen, estas tiveram seus destinos marcados segundo o costume da época: na ausência do pai, elas dependeriam da ajuda dos irmãos, uma vez que elas não se casaram nem tinham direito a herança. Darce (2012), ao analisar a situação feminina nesse período, observa que o chamado “direito de primogenitura” garantia que as mulheres fossem preferidas de forma a beneficiar o filho homem ou, no caso da ausência deste, ao parente masculino mais próximo. A própria Jane Austen abordou essa questão em seu romance *Orgulho e Preconceito* (1813).

Muito do que se tem conhecimento hoje sobre Jane Austen deve-se a biografia escrita por seu sobrinho James<sup>3</sup> e a cartas escritas pela própria autora, que foram guardadas por sua irmã Cassandra e permaneceram com a família Austen. Mesmo com tais materiais, Reef (2014) afirma que Jane Austen ainda é uma figura de grande mistério, e que um desses mistérios diz respeito a qual seria sua aparência. Na época em que a romancista viveu ainda não tinha sido inventada a fotografia, e o costume do período, principalmente da aristocracia, era retratar as pessoas através da pintura. Quanto a Austen, o único “retrato” que se tem dela, é uma aquarela, produzida por sua irmã, porém, algumas pessoas que conheciam a escritora pessoalmente, afirmaram que a pintura não condizia com a realidade. Outro mistério citado por Reef (2014), diz respeito às cartas deixadas por Jane Austen, estas que são consideradas verdadeiros documentos, principalmente para os historiadores que estudam a autora inglesa, afinal, as cartas mostram muito sobre a vida que a romancista teve: suas opiniões, ideias, contatos com familiares, amigos, editoras, etc. O próprio James Edward Austen-Leigh, em sua biografia sobre a tia, utilizou de diversos trechos presentes nas cartas, contextualizando com os eventos da vida da escritora. Reef (2014), ainda abordando a questão das cartas, também comenta o fato de muitas terem sido destruídas pela família de Jane, e com isso faz a indagação do por que isso aconteceu: talvez nessas cartas tivessem conteúdos muito íntimos sobre a autora, ou algo que a família quisesse esconder do conhecimento público. Segundo Reef (2014), Jane Austen teria escrito cerca de 3000 cartas, sendo que apenas 160 sobreviveram. Em sua obra, o sobrinho de Jane descreve a tia, “a docura de seu temperamento nunca a falhou. Ela sempre foi amável” (AUSTEN-LEIGH, 2014, p.17). Reef (2014) no entanto, questiona se a escritora seria a “gentil e doce tia Jane” defendida pela família ou se ela seria uma mulher de língua afiada, como sugere sua escrita.

O que se sabe é que na Era Georgiana, contexto histórico em que Jane Austen viveu, a mentalidade da sociedade inglesa era regida pela concepção de que homens e mulheres possuíam capacidades naturais diferentes. Conforme aponta Zardini (2011, p.157) “por esse motivo não havia igualdade entre os sexos,

<sup>1</sup>Gentis: Nesse nível encontravam-se os proprietários de terras. Na Inglaterra do século XIX, a posição social era delimitada pelos títulos nobiliárquicos e pela situação financeira das famílias.

<sup>2</sup>Para maior entendimento sobre como se dava a divisão das classes sociais na Inglaterra do século XIX, verificar em ZARDINI, Adriana Sales. O universo feminino nas obras de Jane Austen. *Em Tese*. (Belo Horizonte. Online), v. 17, n. 2, 2011. p.161-162.

<sup>3</sup>AUSTEN-LEIGH, James Edward. *A Memoir of Jane Austen*. 1869.

principalmente em relação à educação, negócios e postura perante a sociedade". As mulheres deveriam ser submissas, modestas, puras e educadas, e como qualidades exigidas às moças, estas deveriam se concentrar em seus talentos e buscar um casamento adequado. Jane Austen além de escrever, falava francês e um pouco de italiano, tocava piano, costurava e gostava de dançar. Sobre sua natureza e educação, é dito que "de acordo com as ideias da época, ela foi bem educada, embora não altamente prendada, e certamente desfrutou daquele importante elemento de treino mental, associando-se em casa com pessoas de intelecto" (AUSTEN-LEIGH, 2014, p.50).

Jane Austen nunca se casou, logo, ela sabia que quando perdesse o pai, precisaria depender do apoio de seus irmãos. Zardini (2011) aponta que, na Inglaterra do século XIX, a saída mais digna para uma mulher sem posses ganhar dinheiro seria como governanta, professora de escola, companhia de damas, criada ou escritora. Austen, mesmo tendo a proteção de seus parentes, preferiu seguir um desses caminhos, no caso, ser escritora. Jane Austen, em seu romance *Emma* (1816) descreve como era a realidade das mulheres que precisavam trabalhar. Austen-Leigh (2014), em seu oitavo capítulo da biografia sobre sua tia, aborda as dificuldades que ela teve para publicar seus livros. Segundo ele, para as primeiras publicações, muitas editoras se negavam ou demoravam a publicar as obras. Sobre quanto Jane Austen recebeu com seus livros, "os lucros dos quatro que foram publicados antes de sua morte não somaram, na época, setecentas libras"<sup>4</sup> (AUSTEN-LEIGH, 2014, p.107).

Houve uma época, em que ao se citar o nome de Jane Austen entre a sociedade literária, as palavras "romance" e "superficialidade" poderiam vir à tona. Isso ocorria pois, conforme admite Austen-Leigh a fama de sua tia como escritora veio apenas postumamente, logo, "seus talentos não a introduziram a atenção de outros escritores, ou a conectaram ao mundo literário" (AUSTEN-LEIGH, 2014, p.09). A romancista viveu numa época de efervescência cultural e social que ocorreu não só na Inglaterra, mas que atingiu o mundo todo. A título de exemplo, como bem lembra Luciana Darce (2012), ocorreu durante o período de vida de Jane Austen (1775-1817) a revolta das colônias americanas (que mais tarde, em 1783, se tornaria independente e constituiria os EUA), a queda da Bastilha, o Terror, a ascensão de Napoleão e a guerra quase ininterrupta entre França e Inglaterra (tendo uma trégua no período entre 1801-1803). Além disso, o Romantismo estava em seu auge nesse ínterim. Logo, uma autora que escrevia romances sobre uma sociedade rural da Inglaterra, com bailes, corridas em busca de casamento e caçadas, um "mundo a parte", completamente desvinculado da realidade da época, não era digno de atenção. Essa era a opinião de vários críticos, como Mark Twain<sup>5</sup>, por exemplo, que segundo Reef (2014), se sentia muito incomodado com as obras austenianas, principalmente com *Orgulho e Preconceito*. Contudo, com o passar do tempo, e com o avançar de estudos nos campos de Letras e da História, a opinião sobre a literatura austeniana vem sofrendo modificações, e atualmente, ao se analisar as

<sup>4</sup>Os quatro livros publicados aos quais Austen-Leigh menciona são: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814) e *Emma* (1816). Os lucros de *A Abadia de Northanger* e *Persuasão* só vieram após a morte da escritora, uma vez que ambos só foram publicados em 1818, após seu falecimento.

<sup>5</sup>Mark Twain (pseudônimo de Samuel Langhorne Clemens) foi um escritor e humorista norte-americano, autor de obras famosas como "*The adventures of Tom Sawyer*", publicada em 1876 e que é considerada "o maior romance norte-americano". Twain criticava severamente as personagens de Jane Austen, por considerá-las "superficiais".

entrelinhas de seus textos, percebe-se uma grande contribuição de Jane Austen para a compreensão de sua época.

Jane passou boa parte de sua vida num vilarejo rural, frequentando reuniões e festas com pessoas de mesma posição social que ela. Em seus livros a romancista retrata um mundo a qual ela própria pertencia. Catherine Reef, ao falar sobre a escrita de Austen afirma que ela “escreveu sobre o tipo de gente que ela conhecia bem, ladies e gentlemen da Inglaterra rural. A trama é confinada ao âmbito da vida familiar, dos círculos de amizades, dos galanteios e casamentos” (REEF, 2014, p.19). Mais do que apenas retratar uma sociedade e seus costumes, Jane Austen fazia comentários cortantes sobre a natureza humana, analisando o caráter humano, através de seus personagens. Austen-Leigh, ao falar sobre os romances escritos por sua tia afirma que:

Eles não tentavam elevar o padrão da vida humana, mas meramente representá-la como ela era. Certamente não foram escritos para sustentar qualquer teoria ou inculcar qualquer moral particular, exceto, de fato, a grande moral que deve ser igualmente coletada de uma observação do curso da vida real – ou seja, a superioridade dos princípios elevados sobre os princípios inferiores, e da grandeza sobre a pequenez da mente (AUSTEN-LEIGH, 2014, p.155).

Jane Austen escreveu seis livros completos, no entanto, viu apenas quatro serem publicados, uma vez que ela faleceu no dia 18 de julho de 1817, antes de seus dois últimos livros, *A Abadia de Northanger* e *Persuasão*, serem publicados. A causa de sua morte também entra na lista de mistérios acerca da escritora, no entanto, historiadores e médicos fazem suposições acerca do tema, e uma delas, considerada a mais provável, como cita Reef (2014), teria sido a doença de Addison<sup>6</sup>.

Duzentos anos após sua morte, Jane Austen é hoje considerada uma das maiores autoras da língua inglesa, e um dos fatores que explicam o porquê dela ter alcançado tal patamar, assim como para a crescente quantidade de leitores e estudiosos que se debruçam sobre suas obras, é o que Darce (2012) afirma, de que em seus livros é possível se obter vislumbres interessantes acerca da época e da sociedade em que a escritora viveu. Mais do que apenas vislumbres da aristocracia rural inglesa do século XIX, a pesquisadora Hellena Kelly<sup>7</sup> (2017) defende que Jane Austen era uma mulher a frente de seu tempo, e que tecia críticas sociais inteligentemente escondidas em seus romances: “muitas pessoas leem Jane Austen apenas pensando no romance e no protagonismo feminino, que de longe não são os únicos ingredientes de sua obra” (KELLY, 2017, on-line).

Partindo desse pressuposto e ao ler e analisar os dois romances mais conhecidos de Jane Austen, que são *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Emma* (1816), torna-se necessário abordar quais as críticas sociais presentes em cada um deles. Para isso, é importante salientar que a autora, nesses livros faz uso da ironia como arma de crítica social. Vasconcelos (2014), ao abordar a questão da ironia utilizada por Austen, a intitula como sendo uma “agressão cômica” e afirma que esta, no caso da romancista:

<sup>6</sup>Doença de Addison: condição em que as glândulas suprarrenais não são capazes de produzir quantidades suficientes de seus hormônios. Essa doença foi descrita pela primeira vez em 1849, pelo médico inglês Thomas Addison. Logo, 31 anos após a morte de Jane Austen.

<sup>7</sup>Professora de literatura em Oxford. Autora do livro *Jane Austen, the secret radical*.

(...) pode ser de três tipos: social, que envolve os diferentes modos de revidar os limites impostos pela vida em sociedade; interpessoal, que aprendemos nas situações de conflito entre duas personagens; e interno, quando o conflito é internalizado por uma personagem e sua invectiva se dirige a si própria (VASCONCELOS, 2014, p.146-147).

Com isso, a “agressão cômica” presente nas obras austenianas funciona como um gume crítico que tem como objetivo expor os defeitos, as deficiências e a hipocrisia presentes nos comportamentos e no caráter humano da sociedade inglesa do século XIX, e que nos são apresentados através dos personagens criados por Jane Austen. A escritora, mesmo pertencendo à classe social da qual trata em suas narrativas, não hesitava em destilar sua ironia, mostrando, como defende Vasconcelos (2014), o que se escondia por trás da civilidade, códigos de conduta e convenções de sociabilidade que configuraram as relações sociais de seu tempo.

Sabendo então do papel da ironia nos romances austenianos, conheçamos agora as obras *Orgulho e Preconceito* (*Pride and Prejudice*) e *Emma*, evidenciando as críticas sociais contidas em cada uma, assim como a forma como elas são apresentadas pela autora.

### **2.1.2. Críticas sociais presentes no romance *Orgulho e Preconceito*: universo feminino e casamento, conflito de classes e o “mundo das aparências”**

É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuidor de uma grande fortuna, deve estar em busca de uma esposa (*Orgulho e Preconceito*, 2012, p.11).

Foi com a icônica frase acima que Jane Austen deu início ao seu aclamado romance *Orgulho e Preconceito* (1813). Ele foi seu primeiro livro concluído, se não, como aponta Austen-Leigh (2014), o primeiro a ser iniciado. O título e frase inicial da obra já são bem sugestivos. O enredo segue a história da heroína Elizabeth “Lizzie” Bennet, que como descreve Reef (2014), é uma moça articulada e sem papas na língua, e que, diferente de sua família, permite se guiar pelo uso da razão. A história, como em todas as obras austenianas, se passa em um condado da zona rural da Inglaterra, e aborda o cotidiano da aristocracia da região, principalmente com a chegada de um novo habitante, Mr. Charles Bingley, que é um rapaz jovem, solteiro e rico. Os moradores da região ficam alegres, principalmente os pais com filhas solteiras, uma vez que é possível que ali o jovem escolha uma esposa para si, afinal, um homem solteiro e rico deve se casar, para que sua reputação se consolide na “boa sociedade”. A mãe de Elizabeth Bennet é uma das mais radiantes, pois ela possui cinco filhas, todas solteiras e em idade de contrair núpcias. Por serem todas belas, e serem vizinhas de Mr. Bingley, tudo parece afirmar que a sorte está do lado dessa família, sendo que a senhora Bennet não mede esforços na tentativa de casar as filhas.

Jane Austen sempre dá importância a seus personagens, tanto os principais como os secundários, assim como em suas características físicas e morais. Ao descrever a família Bennet, Austen (2012) define a mãe e suas filhas como sendo frívolas e ignorantes, mostrando que as jovens só pensam em roupas da moda e em arranjar um marido, sendo garotas típicas da aristocracia rural inglesa da época. As únicas que se destoam são Elizabeth e Jane, que são as mais velhas. Jane é descrita como sendo doce, sempre busca ver o melhor nas pessoas e é a mais bela

moça do condado, além de ser a escolhida por Mr. Bingley. Elizabeth é inteligente, determinada e gosta de fazer análises sobre a natureza humana, algo que Reef (2014), aponta ser uma característica comum entre Jane Austen e sua heroína. O herói desse romance é Fitzwillian Darcy. Bonito e rico, mas arrogante, Mr. Darcy é amigo de Mr. Bingley, e apesar de seu “conhecimento da inferioridade (...) e obstáculos familiares...” (AUSTEN, 2012, p.221), acaba por se apaixonar por Elizabeth Bennet. Devido à influência de primeiras impressões, contudo, - em que a heroína considera Mr. Darcy extremamente desagradável -, e a fatos que acontecem no decorrer da história, o casal passa boa parte da obra em situações de debates, principalmente no que tange a sentimentos e diferença entre classes sociais.

Ao analisar o romance *Orgulho e Preconceito*, Loubak (2017) observa que apesar de saber que as possibilidades de ascensão social para uma mulher daquele período se limitava a um bom casamento, a personagem de Elizabeth estava convicta de que apenas o verdadeiro amor a levaria ao matrimônio. Tal firmeza de opinião leva Elizabeth a recusar dois pedidos de casamento: um feito por seu primo Mr. Collins, e outro feito pelo próprio Mr. Darcy. Sobre o primeiro pedido, é necessário fazer algumas observações: Mr. Collins além de ser primo de Elizabeth, é o herdeiro do patrimônio de sua família, uma vez que Mr. Bennet não possuía filho homem. A lei desse período, conhecida como “direito de primogenitura”, como aponta Darce (2012), defendia que somente homens poderiam herdar bens. Logo, apesar de Mr. Bennet possuir cinco filhas, nenhuma delas herdaria sua casa e bens, passando assim a herança para o parente homem mais próximo da família, que no caso da família Bennet, era Mr. Collins. As irmãs Bennet então precisariam fazer um bom casamento ou na ausência do pai, teriam que depender da ajuda do primo. Austen (2012) proporciona diversas cenas em que os personagens frisam essa situação, principalmente a senhora Bennet, que faz de tudo para que Elizabeth aceite a proposta do primo, sem, contudo, obter êxito. Outra observação necessária em relação ao personagem de Mr. Collins diz respeito a sua profissão e características: ele é clérigo da Igreja Anglicana, e representa algumas falhas dessa instituição. Zardini (2011), ao falar sobre os personagens masculinos de Austen, apresenta Mr. Collins como sendo enfadonho e desestimulante. Darce (2012), ao tratar da condição dos clérigos na Inglaterra contemporânea a Jane Austen, afirma que esta era uma profissão como qualquer outra, e que o indivíduo não precisava ter vocação para poder exercê-la. Como na Igreja Anglicana há regras diferentes da Igreja Católica, nela, seus padres não precisam ser celibatários, logo, podem se casar. Mais ainda, o matrimônio era praticamente uma obrigação na época que Austen viveu, uma vez que, ao fazer um bom casamento, o clérigo garantiria uma boa posição e reputação na sociedade. Além disso, como aponta Darce (2012), o profissional da Igreja recebia uma paga e uma casa na paróquia para cuidar, e sobre esta, é sabido que em cada paróquia havia um patrono, que geralmente era o maior senhor de terras do local, e era este indivíduo - por sua importância no lugar, devido a sua condição financeira e título social -, que era o responsável por indicar um vigário para sua paróquia. Isso explica porque em Austen (2012), Mr. Collins é tão ansioso por agradar Lady Catherine, personagem de maior posição social no presente romance.

Durante a narrativa da história, diversos são os momentos em que Mr. Collins adula sua patronesse, mostra sua soberba e apresenta um comportamento completamente oposto ao de um cavalheiro (apesar deste achar ser um exemplo de aristocrata). Zardini (2011), ao descrever certos comportamentos da época, como por exemplo, o fato de que uma pessoa não se apresentava diretamente a outra, cita

a falta de cavalheirismo de Mr. Collins, ao se aproximar de Mr. Darcy e conversar com ele, durante um baile, sem ser devidamente apresentado. Nessa cena é perceptível que o clérigo, por se encontrar sob proteção da tia de Mr. Darcy, Lady Catherine, se sentiu no direito de quebrar protocolos, algo que muito irritou Mr. Darcy e envergonhou a família Bennet. Outro momento em que Mr. Collins expressa sua soberba e o quanto grande é a necessidade em agradar sua patronesse se manifesta no momento em que ele propõe casamento a sua prima Elizabeth. Eis o diálogo utilizado pelo clérigo:

"Minhas razões para casar são, primeiro, que creio ser algo apropriado para qualquer clérigo em boas circunstâncias (como eu) para afirmar o exemplo do matrimônio em sua paróquia; segundo, que estou convencido de que isso em muito elevará a minha felicidade; e, em terceiro - o que, talvez, devesse ter mencionado antes, que é o conselho particular e a recomendação da muito nobre dama a quem tenho a honra de chamar benfeitora. Duas vezes ela se condescendeu em me dar sua opinião (sem que a pedisse, também!) sobre este tema (...)" (AUSTEN, 2012, p.129).

Falando em uma personagem feminina que rende discussões interessantes no romance, Lady Catherine de Bourgh é apresentada aos leitores como sendo a tia rica, autoritária e presunçosa de Mr. Darcy, que tem como uma de suas principais atividades, controlar a vida de todos que estão ao seu redor. Austen (2012) propicia a seus leitores diversas cenas de debates entre Elizabeth e Lady Catherine, principalmente sobre o que se refere à educação feminina e distinção de classes. Loubak (2017) cita uma parte do livro em que durante um jantar na casa de Lady Catherine, após esta criticar a criação das jovens Bennet, recebe como resposta de Elizabeth a afirmação de que apesar de não ter recebido uma educação formal, ela sempre buscou conhecimento e dedicou seu tempo à leitura. Dias (2015), ao abordar a relação entre Elizabeth Bennet e Lady Catherine de Bourgh, defende que uma impõe desafio a outra, cada vez que são obrigadas a um convívio social, e que próximo ao final do livro, seus atritos chegam ao ápice, e acabam sendo discutidos abertamente, num confronto verbal. Tudo ocorre após chegar aos ouvidos de Lady Catherine, que seu sobrinho Mr. Darcy, pediu a mão de Elizabeth em casamento. A senhora então decide ir à casa dos Bennet, tirar tudo a limpo. Após entrar na casa, com um ar antipático e criticar o tamanho da propriedade, Lady Catherine requisita um passeio com Elizabeth pelo jardim. Apesar de manter a cortesia devida, a jovem ouve diversas ofensas vindas da senhora. Lady Catherine não hesita e logo inicia o diálogo explicando o motivo de sua visita:

"Miss Bennet", replicou sua senhoria, num tom de voz nervoso, "deve saber que não estou aqui para ser zombada. Mas, embora escolha ser insincera, não espere me descobrir igual. Meu caráter tem sido celebrado por sua sinceridade e franqueza, e numa causa de tal momento como este, certamente não abrirei mão dele. Um boato de natureza muito preocupante me chegou a dois dias. Disseram-me que não apenas sua irmã estava a ponto de se unir muito providencialmente, mas que você, Miss Elizabeth Bennet, estaria com todas as probabilidades de logo depois se casar com meu sobrinho, meu próprio sobrinho, Mr. Darcy. Embora saiba que isso deve ser uma escandalosa falsidade, embora não o feriria tanto ao supor que a verdade disso seja possível, imediatamente decidi partir

para este lugar, para que eu possa tornar meus sentimentos conhecidos por você" (AUSTEN, 2012, p.405).

Elizabeth após ouvir esse discurso, responde com um misto de surpresa e desdém que se Lady Catherine considera tal notícia falsa, não deveria ter se dado ao trabalho de ir ao encontro dela. A senhora explica a situação de sua família, pois quando Mr. Darcy e a filha de Lady Catherine ainda eram crianças, foi acordado entre os pais destes, que os primos um dia se casariam, logo, Mr. Darcy estaria então "comprometido" com sua prima. A conversa então toma rumos mais acalorados, principalmente porque a heroína austeniana não confirma a veracidade do pedido de casamento, mas também não faz à negativa, o que irrita muito Lady Catherine, que a certa altura, após ser questionada do por que Elizabeth não poderia se casar com Mr. Darcy, declara:

"Porque a honra, o decoro, a prudência, não, o interesse, o proíbem. Sim, Miss Bennet, o interesse; pois não espere ser avisada pela família ou pelos amigos dele se agir intencionalmente contra as inclinações de todos. Você será censurada, diminuída, desprezada por todos que o conhecem. Sua aliança será uma desgraça; seu nome nunca será sequer mencionado por qualquer um de nós" (AUSTEN, 2012, p.407).

A heroína, no entanto, não se deixa abalar, e responde a todas as ofensas proferidas por Lady Catherine, afirmando que não se permitirá ser manipulada por argumentos do tipo. Dias (2015), ao analisar a personagem de Lady Catherine, observa que esta é extremamente conservadora, e que para ela, a maior ameaça não consiste somente no fato de poder ocorrer um "desmanche" de acordo familiar, mas sim, na possibilidade de uma "assimilação de classe". Para Lady Catherine, um casamento entre seu sobrinho e uma Bennet, mancharia as paredes de Pemberley (residência de Mr. Darcy), poluiria a tradição e a história de uma família tão importante como a dela. Por fim, Lady Catherine vai embora sem se despedir, o que para a época era um grande insulto, mas Elizabeth não se importa.

Através dos debates entre Elizabeth e Lady Catherine, observa-se o retrato de algo cada vez mais presente na sociedade inglesa do fim do século XVIII e início do século XIX: os conflitos de classes. Após certos eventos ocorridos na Europa, como as Revoluções (Industrial e Francesa), uma nova classe social surgiu: a burguesia. Antes dela não havia possibilidade de ascensão social, e a única fonte de riqueza era possuir terras, sendo as classes sociais divididas em: nobreza, clero e servos. Segundo Hobsbawm (2014), a importância da terra era tão grande que, no período compreendido entre 1789 e 1848, o que ocorria com ela determinava a vida e a morte da maioria das pessoas. Com o surgimento da burguesia, a concepção de terra sofreu mudanças, e indivíduos que antes pertenciam à vida toda à classe de servos teria a chance de se tornarem ricos. No romance Orgulho e Preconceito é de se observar que Mr. Bingley enriqueceu através do comércio, e que a família de Elizabeth Bennet possuía parentes comerciantes em Londres. Com a ascensão da burguesia, a distinção de classes continuou existindo, e como aponta Zardini (2011), na época de Jane Austen, as classes sociais eram divididas em sete categorias, sendo que tanto Austen como suas heroínas, pertenciam à classe chamada de aristocracia. Darce (2012), afirma que a sociedade à época da escritora não considerava o trabalho algo dignificante, pelo contrário, aqueles que enriqueciam por

fruto de seu trabalho, conhecidos como “novos ricos”, eram vistos com maus olhos e desconfiança. Um cavalheiro vivia de renda e tinha orgulho disso e de suas origens.

Ao definir a classe social que Jane Austen e suas heroínas pertenciam, Reef (2014) afirma que a baixa nobreza possuía um elaborado código de etiqueta que governava cada interação social, desde as mais triviais. Essas normas de conduta serviam para separar a “boa sociedade” (entende-se aqui a aristocracia) dos que estavam associados como uma segunda natureza, ou seja, da sociedade dos novos ricos, que segundo os aristocratas, as haviam adquirido imperfeitamente.

Logo, entende-se o porquê de Lady Catherine não suportar a ideia de sua filha perder Mr. Darcy para uma moça de condição tão “inferior” como Miss Bennet:

É como se ela lutasse contra a própria história: pertencendo a uma aristocracia de “sangue puro”, endinheirada, com uma conexão com a corte que nos é vagamente sugerida, não haveria razão para querer contato com as camadas sociais inferiores (pelo menos sob seus parâmetros), a menos que o fizesse em uma posição de comando. O problema que a personagem enfrenta, então, advém exatamente dessas mudanças sociais que com o tempo irão alterar os parâmetros da posição ocupada por cada um na sociedade e, principalmente, a forma como o indivíduo poderia conquistar o seu lugar (DIAS, 2015, p.35).

Ao analisar o confronto final entre as personagens de Lady Catherine e Elizabeth, Spacks (2010), observa que todo o discurso de Lady Catherine é embasado em palavras sem fundamentos para sustentar sua autoridade. A pesquisadora afirma que toda a impertinência e dignidade da tia de Mr. Darcy, na verdade servem para disfarçar sua impotência perante a situação, uma vez que se seu sobrinho e Elizabeth quiserem se casar, nada a nobre pode fazer para impedirlos, além disso, Elizabeth é inteligente o suficiente para perceber como as palavras de Lady Catherine não tem sustentação, e a heroína sabe bem responder as ofensas proferidas pela senhora. Dias (2015), faz uma boa observação em relação a autoridade de Lady Catherine, ao afirmar que:

A perda de autoridade que percebemos em Lady Catherine conforme a impertinência de Elizabeth cresce diante dela é um ótimo exemplo do conflito de classe que se estabelece aqui: podemos fazer um paralelo com a perda cada vez maior de poder da aristocracia, e a independência crescente da burguesia (DIAS, 2015, p.36).

Não é à toa que a visita de Lady Catherine acaba por ter consequência oposta ao esperado. Pois ao ficar sabendo do ocorrido, Mr. Darcy faz uma visita aos Bennet, pedindo desculpas pelas palavras injuriosas da tia, e novamente pede Elizabeth em casamento, o que a moça dessa vez responde que sim. Com isso, Mr. Darcy se desfaz de qualquer ligação com Lady Catherine.

Outro aspecto abordado no romance Orgulho e Preconceito, e que é analisado por Loubak (2017), é a crítica às aparências. No romance pode-se percebê-la através das trajetórias de Mr. Darcy e Mr. Wickham. No inicio da obra, Mr. Darcy é julgado pelos Bennet e seus amigos, como sendo um homem arrogante, e graças a seu egoísmo, ele comete erros, contudo, ao fim do romance, ele mostra-se capaz de passar por cima de seu orgulho e do passado, em nome do amor. Já Wickham, que conquistava a todos e parecia ser o melhor dos partidos, se mostra no final, um homem interesseiro e de mau caráter.

Mr. Wickham tem um papel importante para o desenrolar da história. Ele é introduzido no romance após uma milícia, da qual ele faz parte, chegar ao vilarejo em que vivem os personagens centrais. Por frequentarem os mesmos círculos sociais, ele e Elizabeth são apresentados, e por seus modos agradáveis, como descreve Austen (2012), tanto Elizabeth como seus familiares e amigos naturalmente apreciam o rapaz. Logo, a heroína desse romance descobre que o militar e Mr. Darcy se conhecem, mas que isso, que ambos possuem um passado. Em certo baile, Elizabeth tem a chance de questionar Wickham sobre sua ligação com Darcy, e eis que ele lhe conta sua história: o militar, quando criança, era protegido pelo pai de Mr. Darcy, que antes de morrer, colocou Wickham na herança. Ficou acordado que, após alcançar certa idade, Wickham deveria receber uma paróquia para administrar, se tornando assim clérigo e podendo fazer sua própria fortuna. Porém, segundo o militar, após chegar à época dele receber sua parte da herança, Mr. Darcy teria negado cumprir a vontade do pai, o deixando na miséria, o que o obrigou a seguir carreira militar. Ao ouvir toda a história, Elizabeth atesta sua opinião inicial sobre Mr. Darcy, de que ele é um homem orgulhoso e desagradável. Contudo, até o final do romance, a heroína descobrirá como as aparências enganam.

Mr. Wickham, por um tempo, foi objeto de interesse de Elizabeth, porém, ele não pode ser considerado o principal obstáculo para a união do casal Elizabeth/Mr. Darcy. Loubak (2017) defende que o principal obstáculo para os protagonistas residia no orgulho e preconceito dos mesmos. Sobre a evolução da relação entre Elizabeth e Mr. Darcy:

[...] A primeira aversão de Elizabeth por Darcy era inevitável por causa das circunstâncias em que travaram conhecimento, porque Darcy orgulhava-se de sua posição social e Elizabeth era estorvada por sua família pouco atraente e porque eram pessoas de caráter tão decidido que, no início, certamente deveriam antipatizar um com o outro. Elizabeth é fiel à sinceridade de seu espírito ao acreditar que Darcy é insensível, arrogante e vingativo; é de igual modo fiel a ela mais tarde ao reconhecer que está enganada e ao mudar de opinião. A ação é criada, aqui, por aqueles personagens que se mantêm fiéis a si mesmos; é sua constância que, como uma lei da necessidade, põe os eventos em movimento e, através destes, eles gradualmente se manifestam (MUIR, 1928, p.24).

No fim do romance, tanto Elizabeth como Mr. Darcy fazem autodescobertas, percebendo cada um, os erros que se comete ao deixar-se levar por julgamentos antecipados, e ambos ganham maturidade no decorrer da obra, descobrindo-se os verdadeiros valores e sentimentos. Deresiewicz (2009) ao abordar os romances austenianos, afirma que em todos eles o amor é pedagógico, mas que somente em Orgulho e Preconceito, os amantes levam um ao outro em direção à verdade.

É este amor transformador – que vai da antipatia ao ódio, do ódio à compreensão e ao remorso e daí para a estima, respeito e, finalmente, afeição – que prende o leitor a dois personagens por si só atraentes, mas que possuem um magnetismo ainda maior como um par (TEIXEIRA, 2015, p.16).

C. S. Lewis (1986) ao analisar os romances austenianos, defende que há certas semelhanças entre algumas heroínas, como por exemplo, Elizabeth Bennet

(Orgulho e Preconceito) e Emma Woodhouse (Emma): ambas passam pela chamada desilusão ou despertar, que nas narrativas se tornam um divisor de águas no enredo e no comportamento das personagens. Conheçamos então agora o romance Emma, apontando as semelhanças e diferenças entre a personagem principal deste com a heroína de Orgulho e Preconceito e quais as críticas sociais presentes nesse romance.

### 2.1.3. Romance austeniano Emma: a mulher e a família, trabalho e relações sociais

A vaidade trabalhando em uma mente fraca produz muitos tipos de danos (*Emma*, 2015, p.346).

*Emma* (1816) foi o último romance austeniano a ser publicado enquanto sua autora ainda estava viva, uma vez que Austen faleceu em 1817, logo, antes de ver serem publicados seus romances *A Abadia de Northanger* e *Persuasão*. O enredo deste livro gira em torno do cotidiano e relações sociais de Emma Woodhouse, uma jovem bonita, inteligente e rica, que tem como hobby agir como a casamenteira da região em que vive, em *Highbury*<sup>8</sup>. O romance inicia com a apresentação ao leitor da sua heroína. Sobre ela é dito que:

Os reais perigos da situação de Emma eram, em parte, ter o poder para satisfazer todas as suas vontades e, por outro lado, ser propensa a ter uma autoconfiança extremamente exagerada - essas eram as desvantagens que ameaçavam misturar-se com muitas de suas qualidades (AUSTEN, 2015, p.307).

Peter (2018), ao analisar o romance e a descrição da personagem central feita por Jane Austen, acrescenta que Emma é o tipo de heroína que custa agradar aos leitores, pois apesar de bela, ela é presunçosa e apesar de ser inteligente, é totalmente parcial aos seus próprios julgamentos. Contudo, a heroína é genuinamente preocupada com a vida dos menos abastados, o que se deve admirar na personagem. Emma vive sozinha com seu pai Mr. Woodhouse, que sofre de hipocondria<sup>9</sup>. Pelo fato dela ter perdido a mãe quando criança, a heroína foi educada por uma governanta, Miss Taylor, a quem ela considera como mãe, e sempre se dirige a ela quando precisa de conselhos. Miss Taylor, que morava com os Woodhouse, encontra um bom partido, Mr. Weston, com quem se casa, graças à ajuda de Emma, que age como cupido entre os dois.

A heroína, após observar esse sucesso obtido e percebendo que ao se casar, Miss Taylor não poderia mais estar sempre a sua disposição, resolve procurar uma amiga para lhe fazer companhia, e conhece uma jovem, Harriet Smith, que foi criada em um internato e que pertence a uma “classe inferior”. Ao travar esse conhecimento, Emma vê em Harriet uma nova missão para si, e a torna sua pupila. A heroína busca então, como aponta Peter (2018), ensinar pintura, desenvolver a personalidade de Harriet e melhorar seus modos, o fazendo com a ciência inabalável de sua superioridade. Essa questão é evidenciada no trecho abaixo:

---

<sup>8</sup>Vilarejo da zona rural da Inglaterra. Local fictício.

<sup>9</sup>Hipocondria: transtorno mental caracterizado pelo medo constante de estar doente ou desenvolver uma doença séria. Mr Woodhouse, cada vez que se manifesta na obra, se mostra preocupado com sua saúde e a dos que estão ao seu redor.

Emma faria Harriet melhorar seu nível social, tentaria separá-la de amizades inadequadas, apresentaria a amiga à boa sociedade, modificaria suas opiniões e maneiras. Certamente seria um compromisso interessante e gentil que mudaria completamente a vida de Harriet, seus passatempos e suas possibilidades (AUSTEN, 2015, p.320).

Emma, não conseguindo abrir mão de seu lado cupido, busca também encontrar um homem adequado para desposar Harriet. Sobre esse “dom” da heroína, é descrito que:

Emma é uma arranjadora, ela é uma controladora das questões amorosas alheias. Acostumada a tomar conta de cada pequeno capricho de seu pai para evitar qualquer possível desconforto, ela estende esse dever para todo o seu ciclo de amizades e vizinhança também (MUDRICK, 1968, p.110).

Ao contrário de *Orgulho e Preconceito*, em que a heroína Elizabeth Bennet não tem direito a herança de seu pai, em *Emma*, a heroína é herdeira de trinta mil libras. Por ser herdeira e possuir o poder doméstico em sua casa, Emma não vê necessidade de se casar.

- Pergunto-me, sra. Woodhouse, por que você não se casou ou não deseja se casar? É tão bela!  
 Emma riu, e respondeu:  
 - Minha encantadora Harriet, não tenho motivos suficientes que me tentem a casar. Posso até admirar alguns homens bonitos... um ou outro. Só não tenho planos de me casar no momento, não tenho intenção de me casar nunca.  
 - Ah! Isso é o que você diz, mas não posso acreditar.  
 - Acredito que eu precisaria encontrar alguém muito mais culto e elegante do que costumo ver para me sentir tentada. (...) Prefiro estar como estou. Acredito que não tenho como ser mais feliz. Se eu me casasse, certamente me arrependeria.  
 - Meu Deus! É tão estranho ouvir uma mulher falar assim!  
 - Não tenho nenhum motivo que me levasse ao casamento. Se eu estivesse apaixonada, aí seria diferente! Mas nunca me apaixonei, não é da minha índole nem da minha natureza. Acredito que nunca me casarei! E, sem amor, tenho certeza de que seria uma tola ao trocar meu conforto por um casamento. Não preciso de fortuna nem de ocupação, muito menos de posição na sociedade. Acredito que pouquíssimas mulheres são, verdadeiramente, donas de suas casas como eu sou de Hartfield. E nunca, jamais poderia esperar ser tão amada e tão considerada como agora sou, a favorita e a única aos olhos do meu pai (AUSTEN, 2015, p.360-361).

Como todo romance austeniano, a história contada em *Emma* é repleta de ironias, sendo que “a maior ironia no romance está em Emma ter um poder doméstico e acreditar que esse mesmo poder pode mudar o mundo em sua volta” (PACHECO e SOUZA, 2011, p.08). Isso ocorre, por exemplo, quando a heroína tenta juntar Harriet com o jovem clérigo Mr. Elton, e manipula a moça a não aceitar o pedido de casamento do Sr. Martin, que é um jovem fazendeiro e amigo da moça,

uma vez que Emma o considera um homem iletrado, grosseiro, deselegante e rústico, ao contrário de Mr. Elton, que é um cavalheiro.

Da mesma forma que Elizabeth Bennet (*Orgulho e Preconceito*) se deixou levar por primeiras impressões e julgamentos, Emma também caminha por esse lado, e comete uma série de erros, não apenas em relação à Harriet, mas a outros julgamentos feitos durante todo o romance. Ao trabalhar na tentativa de casar sua amiga com o padre anglicano, Emma não percebe que as atenções de Mr. Elton estão voltadas para ela, e não para sua amiga. Quando ela percebe a verdade, e ao ser pedida em casamento pelo jovem, Emma fica desnorteada e não sabe como fazer para explicar a sua amiga que Mr. Elton não está interessado nela. Após ouvir a opinião do clérigo sobre sua amiga, ao que ele afirma nunca se interessar por uma moça de “classe tão inferior”, Emma percebe que toda a boa opinião que tinha sobre ele era um engano, e que nem mesmo por ela ele estava apaixonado. Mr. Elton só se interessava na fortuna e ascensão social que teria se conseguisse se casar com uma Woodhouse.

Um personagem de grande importância para esse romance é Mr. Knightley, que segundo Peter (2018), é o principal norte e crítico de Emma. Ele é amigo e secretamente apaixonado pela heroína. Conhecido de Emma desde que ela era criança, Mr. Knightley conhece bem a facilidade com a qual a amiga manipula e se deixa manipular, e diversas vezes a alerta sobre os possíveis fins trágicos de seus estratagemas, contudo, Emma não lhe dá ouvidos, e acaba por cometer diversas falhas, como por exemplo, ao se deixar manipular por Frank Churchill, seu interesse amoroso por um tempo. Em certo piquenique, em que se encontra Emma, seus amigos e vizinhos, a heroína, por influência de Mr. Churchill, acaba por proferir palavras que magoam e humilham Miss Bates, uma senhora que era rica, mas ficou pobre, e que vive recebendo ajuda da família Woodhouse e dos demais aristocratas da região.

Em Austen (2015) além da representação da aristocracia inglesa pode-se observar a presença da camada pobre da zona rural. Há diversos momentos em que Emma e sua amiga Harriet visitam os pobres e lhes levam suprimentos. Esse era um costume da época em que Jane Austen viveu. As mulheres da aristocracia, conforme descreve Reef (2014), visitava os pobres e lhes doavam roupas, cobertores e alimentos. Era determinado por Lei que cada paróquia cuidasse de seus indigentes, e sobre a pobreza, acreditava-se que esta era determinação celeste, ou seja, se havia pobres na sociedade inglesa, isso era desejo de Deus.

No romance *Emma* também é possível observar questões envolvendo família e herança e a questão do trabalho para as mulheres. Começando pelo segundo tema, percebe-se que Jane Fairfax, uma moça pertencente ao círculo social de Emma, que toca piano e canta muito bem, mas que é pobre e precisa trabalhar. Na época que Jane Austen viveu uma mulher que não tivesse apoio financeiro da família precisaria buscar emprego, e uma dessas possíveis profissões, e que foi escolhida pela personagem, foi se tornar governanta.

Sobre a questão envolvendo família e herança, em Austen (2015), observa-se que Frank Churchill, enteado de Miss Taylor (Mrs. Weston), não foi criado pelo pai, e sim pela tia. A mãe do rapaz morreu quando este ainda era criança, e como na época somente o pai não era possível dar a educação e cuidados necessários a uma criança, a tia tomou a responsabilidade, adotando o menino. Depois de adulto, e pelo fato da tia não possuir filhos, Frank passa a ser o herdeiro dos Churchill. Enquanto a tia ainda está viva, Frank tem pouco tempo para poder estar com seu pai e amigos de Highbury. Contudo, após ficar certo tempo no local, a convicção de que

ele e Emma formam um belo casal e que irão se casar passa a rondar os pensamentos e desejos da família de Mr. Churchill.

Durante um curto período de tempo, até mesmo Emma acredita estar apaixonada por Frank, porém, com certas reviravoltas e ao fim do romance, Emma se autodescobre e percebe que quem ela ama de verdade é Mr. Knightley, enquanto a Frank Churchill, é revelado que este já havia se compromissado com Jane Fairfax há algum tempo, porém em segredo, pois se fosse descoberto, o rapaz poderia perder sua herança. Porém, após a morte da tia, finalmente, eles ficam livres para se casar, enquanto Emma tenta lidar com as consequências de querer tanto conhecer o coração dos outros, enquanto desconhece o seu próprio. Dias (2018), ao analisar o dilema final de Emma observa que ela, preocupada com o externo dos acontecimentos e com sua imagem, tenta manipular seus sentimentos e com isso descobre por fim que este é o seu pior erro.

Jane Austen sempre concluía suas histórias com finais felizes, em que o casal principal terminava junto, e não foi diferente com os romances *Orgulho e Preconceito* e *Emma*: os casais Mr. Darcy/Elizabeth Bennet e Mr. Knightley/Emma Woodhouse, após diversas reviravoltas que acontecem no decorrer de suas histórias, encontram seus caminhos e no final se casam. Mais do que apenas escrever enredos para que no final o casal fique junto, Austen desenvolve seus personagens, mostrando as qualidades e defeitos deles. Sobre as heroínas austenianas, elas “são próximas e vulneráveis. Nós as vemos sofrer, duvidar, arrependerm-se, cometer erros. Também conhecemos a firmeza de seus princípios e a justiça de seu julgamento” (JORDÁN, 2018, p.32). Ou seja, apesar dos personagens austenianos não serem baseados em pessoas reais, eles são reais, pois passam por situações que indivíduos, tanto da época de Jane Austen como do presente século, poderiam passar; eles são acessíveis, pois o leitor se identifica de algum modo com eles, e por fim, são mostrados em profundidade, através da análise da natureza humana, algo que Jane Austen fazia com maestria.

## 2.2. Metodologia

O presente trabalho busca apresentar a romancista inglesa Jane Austen, assim como fazer uma análise de seus dois romances mais conhecidos, que são *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Emma* (1816). Quanto à sua abordagem, essa pesquisa pode ser caracterizada como sendo qualitativa, pois, como afirma Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores, motivos e atitudes, logo, para o devido fim dessa pesquisa, esse tipo de abordagem se torna de suma importância, uma vez que ela se centrará na compreensão e descrição de como se dava a dinâmica das relações sociais da Inglaterra do fim do século XVIII e início do século XIX, sendo-nos apresentadas através dos romances austenianos.

O objetivo desta pesquisa é analisar as críticas sociais presentes nos romances de Jane Austen, considerando-se, especialmente, o contexto histórico que a autora estava inserida, e levando em consideração que a romancista escrevia sobre uma classe social da qual a mesma fazia parte. Para o alcance desse objetivo, pretende-se realizar uma pesquisa descritiva, que tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 1988, p.46). Como técnica dessa pesquisa, serão conduzidas pesquisas documentais junto a livros e artigos científicos. Segundo Godoy (1995), um dos pontos positivos desse tipo de pesquisa

é que ela permite o estudo de pessoas às quais não se tem acesso físico, seja porque não estão mais vivas ou por problemas de distância. A pesquisa documental justifica-se neste caso, pela necessidade em se estabelecer relações entre a época que a escritora viveu, a classe social ao qual ela pertencia e de como a romancista colocava em seus livros, representações de uma realidade que ela conhecia tão bem, e de como através das entrelinhas de cada romance, Austen conseguia fazer críticas à sua sociedade.

Através deste trabalho se tornará evidente que a literatura em muito pode contribuir para o estudo de História, pois, através de romances, que por muito tempo foram considerados apenas novelas, pode-se perceber toda uma representação de um determinado período histórico, e de como nele se davam seus costumes, mentalidades e organização social, por exemplo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura pode se apresentar como fonte privilegiada para a História, pois contem aspectos que outros objetos não possuem, como por exemplo, questões relacionadas ao imaginário da época que o historiador pretende estudar. É importante levar em consideração que um livro é expressão tanto do autor quanto de sua época e de seus leitores, uma vez que não se pode imaginar a Literatura sem ter em conta a sua recepção. A Literatura, tanto na forma de romance, conto ou crônica se apresenta “[...] como uma configuração poética do real, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade” (BORGES, 2010, p.108).

Através da leitura e análise do rico universo presente nas obras austenianas, é possível se vislumbrar o contexto da sociedade aristocrata inglesa do século XIX, sob a ótica dos personagens em suas rotinas diárias. Através de seus enredos, Jane Austen tece críticas sutis àquela parcela da população da qual a própria escritora fazia parte. Essas críticas vão desde a situação na qual a mulher se encontrava na sociedade (e na qual era obrigada a viver), percorrendo as instituições familiares, eclesiásias e por fim, e na qual a romancista dava mais ênfase, a real natureza humana dos indivíduos.

Ler os livros escritos por Jane Austen vai muito além de apenas se entreter com seus romances ou de compreender como se davam as relações amorosas na Inglaterra do século XIX, pois Austen não só construía personagens para juntá-los em seguida, como desenhava todo um círculo de relações e comportamentos que influenciavam nas ações dos indivíduos, evidenciando assim tanto os pontos positivos como as falhas de sua época.

A sociedade inglesa do século XIX possuía toda uma etiqueta e formalidade para o trato com as pessoas, e essas características podem ser observadas nas obras de Austen através de diálogos, na forma como um personagem se dirige ao outro, em eventos como bailes e piqueniques, etc. Nos romances austenianos, principalmente em *Emma*, percebe-se também como a posição hierárquica era algo de suma importância para a sociedade desse período. Jane Austen retratou algumas das camadas sociais existentes em sua época, não sendo possível, é claro, falar de todas, contudo, elas estão ali retratadas, mesmo que de forma superficial.

Jane Austen segue sendo uma das escritoras mais amadas de todos os tempos, e uma das figuras de maior destaque da Literatura Inglesa, e sobre a sua atemporalidade, Zardini (2019) explica que a romancista escreveu obras universais, cuja datação não interfere de forma alguma na sua leitura e apreciação nos dias

atuais, e acrescenta ainda que, se retirarem a roupagem do século XIX dos personagens, estes seriam reconhecidos facilmente na sociedade atual, uma vez que mesmo em pleno século XXI, ainda há jovens que sofrem por amor, pais que controlam a vida de seus filhos (mesmo quando estes já são adultos), pessoas que fingem ser o que não são, hierarquização social, dentre outros aspectos abordados pela escritora em seus livros.

Um dos principais limites da presente pesquisa diz respeito à própria figura de Jane Austen, esta que permanece sendo de grande mistério. A pergunta que segue na mente dos estudiosos é sobre quem de fato ela foi: seria ela a doce e gentil tia Jane, defendida de forma tão calorosa por seu sobrinho e demais familiares, ou ela seria mais parecida com suas heroínas Elizabeth Bennet e Emma Woodhouse, por exemplo, de língua afiada e ardilosa?! Eis aí uma história ainda a ser descoberta...

#### 4. REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Emma**. São Paulo: Martin Claret, 2015.

\_\_\_\_\_. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Editora Landmark, 2012.

AUSTEN-LEIGH, James Edward. **Uma memória de Jane Austen**. Trad. José Loureiro e Stephanie Savalla. Domingos Martins: ES: Pedrazul Editora, 2014.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas considerações. Goiás: **Revista de Teoria da História**, Ano 1, n. 3, jun/2010.

DARCE, Luciana. Jane Austen e o espírito de sua época. 2012. Jane **Austen Sociedade do Brasil**. Disponível em:<<http://janeaustenbrasil.com.br/2012/03/31/jane-austen-e-o-espírito-de-sua-epoca/>>. Disponível em: 15 jul. 2019.

DERESIEWICZ, William. Community and Cognition in *Pride and Prejudice*. In: BLOOM, Harold (Ed.). **Jane Austen**. New York: Infobase Publishing, 2009. (Bloom's Modern Critical Views). p. 113-144.

DIAS, Nara Luiza do Amaral. **A razão em Jane Austen**: classe, gênero e casamento em *Pride and Prejudice*. 2015. 160f. Dissertado (Mestrado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-11042016-122754/pt-br.php>>. Acesso em: 29 set. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1988.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. v. 35, n. 3, p. 20-29. São Paulo, 1995.

HOBSBAWN, Eric John. **A era das revoluções**: 1789-1848. Trad. Maria Tereza Teixeira e Marcos Parchel. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

JORDÁN, Dr. Miguel Ángel. Emma Woodhouse: uma heroína singular de uma autora excepcional. **Revista LiterAusten**: Jane Austen Sociedade do Brasil. v. 04, n. 04, p. 14-32. Belo Horizonte: 2018.

KELLY, Hellena. Jane Austen, the secret radical. In: D'ANGELO, Helô. Jane Austen 'escondeu' críticas sociais em seus romances, diz pesquisadora. **Revista Cult**. 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/jane-austen-escondeu-criticas-em-seus-romances/>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

LEWIS, Clive Staples. A Note on Jane Austen. In: WATT, Ian (ed.). **Jane Austen**: a collection of critical essays. London: Prentice Hall International, 1986.

LOUBAK, Ana Letícia. **Romance, crítica social e protofeminismo**: a riqueza narrativa de Orgulho & Preconceito. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@analeticia.loubak/romance-cr%C3%ADtica-social-e-protofeminismo-a-riqueza-narrativa-de-orgulho-preconceito-7cbffce8e25c>>. Acesso em: 27 set. 2019.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUDRICK, Marvin. **Irony as a Form**. Jane Austen: Emma. London: Macmillan, 1968.

MUIR, Edwin. **A estrutura do romance**. Tradução de Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Editora Globo, 1975 [1928].

PACHECO, M. R.; SOUZA, Fernandes Ferreira de. A representação da voz feminina nas personagens centrais de Austen em Emma e Orgulho e Preconceito. **Revista Avepalavra**. ed. 11, 2011. Disponível em: <[http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/11/artigos/Jane\\_Austen\\_Voz\\_Feminina.pdf](http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/11/artigos/Jane_Austen_Voz_Feminina.pdf)>. Acesso em: 01 out. 2019.

PETER, Bianca. **Emma Woodhouse**: a heroína não-convencional de Jane Austen. 2018. Disponível em: <<http://notaterapia.com.br/2018/01/05/emma-woodhouse-heroina-nao-convencional-de-jane-austen/>>. Acesso em: 01 out. 2019.

REEF, Catherine. **Jane Austen**: uma vida revelada. Trad. Katia Hanna. Barueri/SP: Novo Século Editora, 2014.

SPACKS, Patricia Meyer. Introduction and notes. In: AUSTEN, Jane. **Pride and Prejudice**: an annotated edition. Edited by Patricia Meyer Spacks. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 2010.

TEIXEIRA, Rebeca Lima. “**May I introduce you Mr. Darcy?**”: focalização da personagem em *Pride and Prejudice*. Tese (Bacharelado em Língua Estrangeira Moderna ou Clássica – Língua Inglesa). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18569>>. Acesso em: 30 set. 2019.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. O gume da ironia em Machado de Assis e Jane Austen. **Machado Assis Linha**, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 145-162, dezembro de 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-68212014000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212014000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 jul. 2019.

ZARDINI, Adriana Sales. O universo feminino nas obras de Jane Austen. **Em Tese**. (Belo Horizonte. Online), v. 17, n. 2, 2011. p. 156-169. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3731>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Jane Austen e a quebra de parâmetros no século XIX. **Literatura e Consciência**. 2019. Disponível em: <<https://literaturaeconsciencia.blogspot.com/2019/10/jane-austen-e-quebra-de-parametros-no.html?spref=fb&m=1>>. Acesso em: 03 nov. 2019.